Um Estudo da Mortalidade na Freguesia da Gloriosa Sant´Anna, Rio Grande do Norte (Brasil), no período de 1788 a 1838*

Gracineide Pereira dos Santos♣

Palavras-chave: Mortalidade, Demografia Histórica, Registros paroquiais, Freguesia da Gloriosa Sant´Anna.

Resumo

Pesquisar a mortalidade na Freguesia da Gloriosa Sant´Anna, no recorte temporal de 1788 a 1838 é o objetivo do estudo. A pergunta à qual a pesquisa se propõe a responder é: Os dados paroquiais de óbitos nos permitem estudar a mortalidade na Freguesia? Assim como se propõem mostrar os procedimentos metodológicos para isso. Primeiramente, recorreu-se aos mapas populacionais dos anos de 1777, 1810, 1811, 1824, 1844, 1853; os censos de 1872 e 1890. Como também, os dois primeiros livros de enterros/óbitos da Freguesia; o primeiro datado de 1788 a 1811 e o segundo de 1812 a 1838 e um livro de batismo de 1803 a 1806. Metodologicamente, o trabalho foi pensando a luz de discussões conceituais de autores que tratam de Demografia e Demografia histórica. As técnicas utilizadas para a pesquisa foi no primeiro momento, o método de projeção inversa do Ronald Lee (1993) e estatística descritiva.

Entre os resultados encontrados percebemos um alto índice de sub-registros principalmente para as primeiras idades, na qual pelos registros que temos era muito elevada, no período Pré-transicional. Ao realizar o exercício de projeção inversa constatou-se uma população que teria uma esperança de vida elevada para tal período. Diferente dos estudos feitos por outros estudiosos e com dados de melhor qualidade para algumas paróquias que mostra que a longevidade nesse período era 28,7 anos. Quando as estimativas da Freguesia da Gloriosa giravam em torno de 67. Demostrando a importância da crítica das fontes a luz dos conceitos da Demografia. Os óbitos infantis ocorrem principalmente com as crianças do sexo masculino, nos

---

* Trabajo presentado en el VI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población, realizado en Lima-Perú, del 12 al 15 de agosto de 2014.

♣ Doutoranda em História/especialidade em Demografia Histórica, na Universidade do Minho. E-mail:

primeiros meses do ano por causas infecciosas, e nos primeiros dias e semanas. Uma hipótese que levantamos é que a mortalidade nesse período tem como cenário, as condições climáticas.

Um estudo da Mortalidade na Freguesia da Gloriosa Sant´Anna, Rio Grande do Norte (Brasil), no período de 1788 a 1838.*

Gracineide Pereira dos Santos♣

Introdução

O artigo é resultado da pesquisa[2] realizada no mestrado em Demografia, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e da continuidade no doutorado em História/Especialidade Demografia Histórica, na Universidade do Minho. A Demografia tem três variáveis importantes e de sustentação, são elas: A Natalidade, a Mortalidade e a Migração. Dentro desse estudo estudaremos a mortalidade, admitindo que se trata de uma população estável e fechada, e que os batizados corresponde aos nascimentos e não levando em consideração o fenômeno da migração. A pergunta a qual o estudo se propõe a responder é: se é possível estudar a mortalidade utilizando como fonte os registros paroquias e a luz dos conceitos e métodos da Demografia e da Demografia histórica?

As fontes utilizadas nesse estudo foram os livros de enterro/óbitos[3](1788 a 1838) e batismo (1803-1806), acervo pertencente à Paróquia de Santana, na cidade de Caicó/RN, no estado brasileiro do Rio Grande do Norte e os mapas de população e censos, os primeiros disponibilizados no site do Projeto Resgate ou nos Relatórios dos Presidentes de Província e os

---

gracineidepereira@yahoo.com.br.

* Trabajo presentado en el VI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población, realizado en Lima-Perú, del 12 al 15 de agosto de 2014.

♣ Doutoranda em História/especialidade em Demografia Histórica, na Universidade do Minho. E-mail: gracydemografia@yahoo.com.br.

[2] Dissertação de Mestrado em Demografia intitulada "Afinal, Quantos Éramos: Um Estudo da Mortalidade Pretérita na Freguesia da Gloriosa Sant´Anna.

[3] O acervo documental se encontra digitalizado por livros, e as imagens foram concedidas pela Paróquia de Sant´Anna.

Censos, consultados e organizados no site da Biblioteca Online do IBGE. Metodologicamente, a escrita do trabalho e a pesquisam foram pensados a partir de leituras bibliográficas e discussão de teóricos sobre a temática, sobre o espaço a ser estudado no contexto geral e particular, ou seja, a própria freguesia, assim como o contexto histórico no qual ela estava inserida, o Rio Grande.

Tecnicamente, foi confeccionada uma base de dados com informações de nascimentos e óbitos; o primeiro para proceder à estimação da população e projeção dessa população para datas, cujos registros paroquiais não eram fornecidos e que fazem parte do processo antes da aplicação da Projeção Inversa, proposta por Ronald Lee (1993) em si. No segundo momento utilizamos os dados de óbitos em conjunto com os de batismos e separados. Nesse processo de crítica e análise das fontes percebemos os sub-registros e a impossibilidade de usar medir a mortalidade por faixas etárias, então, passamos a realizar um estudo descritivo da mortalidade e das suas causas e como tínhamos um número significativo de óbitos relacionados às primeiras idades, resolvemos analisar a mortalidade nesse grupo.

Os dados encontrados no acervo documental e o processo citado anteriormente nos permite ter indícios acerca da mortalidade na Freguesia. E conhecer o perfil da mortalidade no passado nesse espaço delimitado pode ajudar a compreender a dinâmica demográfica dessa população.

O artigo está dividido em cinco partes, a primeira é composta por essa introdução; na segunda, analisaremos os conceitos da Demografia e da Demografia Histórica, assim como os métodos utilizados para o estudo crítico das fontes. No terceiro momento, abordaremos a Freguesia da Gloriosa Sant´Anna numa perspectiva histórica, no quarto momento, analisaremos a mortalidade na Freguesia e por último serão expostas as considerações finais acerca do estudo feito.

Demografia e Demografia Histórica: métodos e técnicas para estudar a população

Diferente das outras ciências, a Demografia, é recente. O seu nascimento, como ciência, é datado do século XIX. A Demografia teve suas origens na Aritmética Política surgida na Inglaterra, só vindo, porém, a transformar-se efetiva e definitivamente num campo da ciência

autônoma na França, com Achille Guillard (1799-1876) na obra Elementos da estatística comparada, foi a partir desse momento que temos a utilização do termo Demografia tal como usamos e conhecemos hoje. Nesse contexto, a Demografia se destinava ao estudo, a descrição, a análise e compreensão dos mecanismos que regem a composição e a evolução da população.

No processo de evolução da Demografia como Ciência, um grande salto foi à descoberta da relação entre a mortalidade e a idade, dada por Graut, e seus estudos sobre os Boletíns de mortalidade. Dessa forma, passou-se a inferir que haveria regularidades e permanências dos demais fenômenos demográficos. Com base na idade foi possível perceber que ela não era somente importante para estudar a mortalidade, mas os outros componentes demográficos como, por exemplo, a natalidade, a nupcialidade, a fecundidade e inclusive a migração variavam influenciados pela idade (Véron, 1997).

Para Preston *et al* (2000), a Demografia é uma ciência social que adapta-se ao seu tempo, e que tem questionamentos e métodos próprios. Ou como bem definiu Mário Leston Bandeira (2004:20): "Ciência em plena expansão e obtendo um reconhecimento cada vez mais extenso dos seus méritos, a Demografia é uma ciência orgulhosa de seu passado.". A Demografia tem vários técnicas, algumas classificadas com diretos e outras como indiretos, as primeiras, são utilizadas pela Demografia dita formal, quando as populações estudadas têm dados de boa qualidade. Já as técnicas indiretas, foram criadas e pensadas para auxiliar os demógrafos em estudos quantitativos que envolvesse precisão, mas quando os mesmos não pudessem dispor de bancos de dados confiáveis e de boa qualidade e mesmo assim pudessem fazer estudos sobre a população. Sendo as técnicas indiretas bastante utilizadas nos estudos de Demografia Histórica, sendo sobre ela que discutiremos a seguir.

A Demografia Histórica é fruto de uma demanda de tempo, ou seja, nasceu na Escola Francesa, na década de 1950, no Pós-Segunda Guerra mundial, quando os países pertencentes ao denominado Terceiro Mundo demostravam um quadro acelerado de crescimento demográfico e declínio da mortalidade. Além disso, assim como a Demografia, ela é dotada de questionamentos e métodos próprios. E o mais importante que isso, ambas tem em comum um objeto, o homem. Outra característica familiar entre as duas é sua raiz, no contexto político, Segundo Pinto (1973), a origem da Demografia Histórica é de natureza política e deriva da conscientização da importância condicionante do processo populacional pelas condições políticas em moda em cada

período histórico.

O percursor dos estudos metodológicos que hoje conhecemos como Demografia histórica, foi o Francês Louis Henry e Michel Fleury, que, baseados em fortes bases técnicas e metodológicas criaram o método de “Reconstituição de Famílias”, para questionar o passado sobre uma questão vista no presente, mas que os dados deste período não conseguiam responder: a baixa fecundidade na sociedade francesa (Henry, 1988)

Henry e Fleury aplicaram o método de Reconstituição de Famílias, inicialmente, nas bases de dados francesas, após ser testado empiricamente com famílias já reconstituídas e bem estabelecidas por genealogias. Depois, o método foi exportado para outras nações, como por exemplo, a Inglaterra; inclusive, sendo adaptado e aprimorado, criando-se outros métodos baseados na ideia principal. O método de Reconstituição de Paróquias criado por Maria Norberta Amorim para a realidade portuguesa é um deles (Bacellar *et al*, 2005; Marcílio, 1977; Scott, 1990).

Utilizando como fonte os registros paroquiais disponíveis na época, os livros eclesiásticos de batismo, casamento e enterro, Henry e Fleury mapearam diversos sistemas demográficos e puderam medir, com precisão e rigor, a natalidade, a reprodução e a mortalidade de populações do passado, possibilitando uma padronização que facilitava e permitia os estudos comparativos (Nadalin, 2004; Reher, 1997). Em 1956, publicou-se o primeiro Manual de Demografia Histórica. Expondo a experiência da aplicação do método na população da paróquia normanda de Crulai, sendo a primeira de muitas pesquisas que seriam realizadas, estudando, principalmente aldeias e paróquias rurais da Europa Moderna, dos séculos XVI, XVII, XVIII.

A Demografia Histórica, assim com a Demografia, tem problemas no que diz respeito à autonomia de seus campos, de suas definições e fronteiras. Como a Demografia, por exemplo, ora é denominada e atrelada ao campo das Ciências Exatas, por causa da base empírica e quantitativa marcante, ora é colocada como uma Ciência Social que se utiliza de métodos estatísticos e faz uma análise substantiva de números, pois esses refletem um contexto social, econômico e cultural. Situação parecida passa a Demografia Histórica. Alguns estudiosos defendem que a Demografia Histórica é mais um campo das Ciências Sociais, da História, ou da própria Demografia. Essa disciplina tem por objetivo estudar as populações no que diz respeito à

natalidade, nupcialidade, mortalidade, morbidade e migração de período proto-estatística, ou seja, onde não havia contagem e registro de população como os censos existentes hoje nos diversos a partir do rigor metodológico e crítica das fontes. O estudo de populações pretéritas é feito, principalmente, através da catalogação em fichas de fontes paroquiais e de listas nominativas de diversos países e regiões. Ou seja, segundo Bandeira (1996), a Demografia Histórica mostra sua importância e diferença, pois transforma com auxilio de suas teorias e metodologias dados que não foram criados com finalidade de ser "testemunho populacional do passado".

Como é possível perceber, não há um consenso claro em se estabelecer os limites da Demografia Histórica, pois ela acaba fazendo relação com outras abordagens como a História da Família e a História das Populações e a própria História Demográfica. Nas palavras de Bacellar et al (2005), citando o pesquisador de Demografia Histórica Reher, no que diz respeito à Demografia Histórica e à História das Populações não haveria diferença. Essa rivalidade teria sido forjada por autores franceses no intuito de contestarem contra a imprecisão dos historiadores. Em contrapartida, o demógrafo português Joaquim Manuel Nazareth (1998), menciona que a Demografia Histórica é um ramo independente da História das populações e da Paleodemografia. E sobre a diferença entre Demografia Histórica e História das populações, o autor argumenta que a História das Populações é um dos campos da História e não da Demografia. Para ele, enquanto a História da População procura refletir sobre os dados existentes acerca do estado e dos movimentos das populações pretéritas, a Demografia Histórica define-se, sobretudo, a partir das fontes que utiliza e da metodologia que desenvolve para investigar o passado.

No caso brasileiro, a Demografia Histórica tem algumas décadas de discussões e estudos. O precursor das pesquisas nessa área foi Luis Lisanti, que abordou as inúmeras possibilidades de estudar a partir das listas nominativas de habitantes o período colonial. A pioneira na discussão e estudos nesse campo foi à pesquisadora Maria Luiza Marcílio, com sua obra intitulada de A cidade de São Paulo: povoamento e população, 1750 – 1850, publicado no ano de 1973, sendo considerado um marco para a Demografia Histórica brasileira no cenário científico. Esse trabalho foi seguido de inúmeros outros da mesma autora que versava sobre técnicas e métodos e levantamento de fontes a serem pesquisadas (Marcílio; 1997).

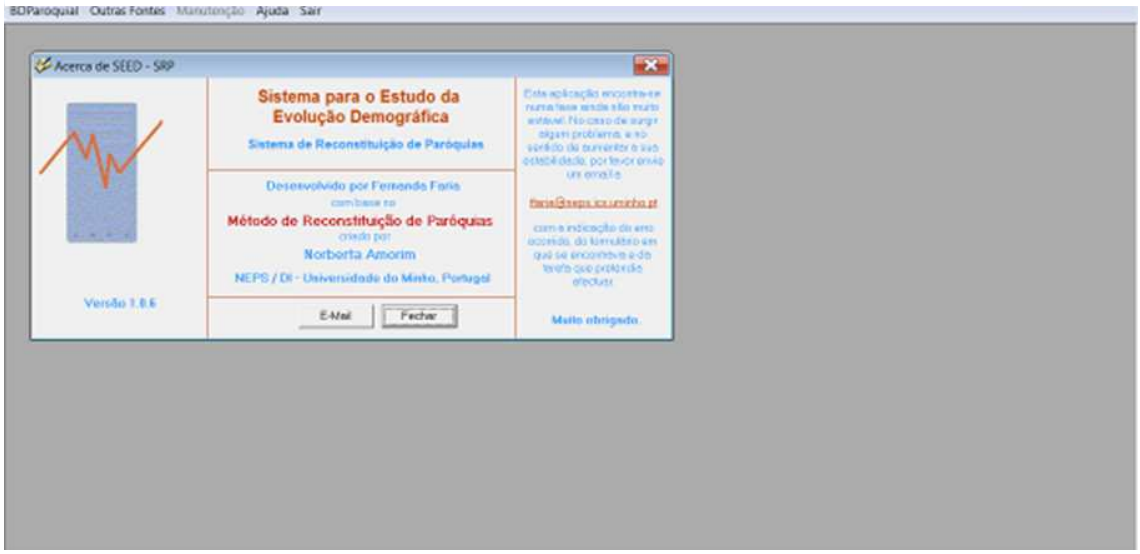
Outra obra importante de orientação para futuros demógrafos historiadores é a obra

intitulada “Demografia Histórica: orientações técnicas e metodológicas” em diálogo com outros autores, também organizada por Marcílio (1977). Na década de 1970, Louis Henry veio ao Brasil, contribuindo mais ainda para o arcabouço de discussões sobre a Demografia Histórica brasileira. A partir da década de 1980, Marcílio passou a divulgar a técnica de Reconstituição de Família no Centro de Demografia Histórica da América Latina (CEDHAL) no ano de 1984, na USP, incentivando esse tipo de estudo no país. Mas os estudos de Demografia Histórica são pontuais no Brasil e fora do território brasileiro.

No caso do Velho Mundo, temos estudos de Demografia Histórica na Grã-Bretanha, onde T. Hollingsworth (1983) aplicou a técnica de Reconstituição de Famílias no estudo de uma parcela da população que já dispunha de genealogias estabelecidas da nobreza britânica num período de três séculos. No cenário italiano, temos o Quarderni Storici (1971), dedicado na íntegra à Demografia Histórica italianas produzido em Roma. Há o Institut National de Études Démographiques, de Paris, onde trabalham em conjunto economistas, demógrafos, médicos e estatísticos. No Laboratorie de Démographie Historique, da École des Hautes Études em Sciences Sociales, há historiadores e profissionais de diversos campos, todos tendo em comum o enfoque na Demografia Histórica.

Em Portugal, temos os trabalhos desenvolvidos pelo Núcleo de Estudo de População e Sociedade (NEPS) da Universidade do Minho, que tem a frente à professora Carlota Maria Fernandes dos Santos (2000, 2008) e, como pesquisadora colaboradora Maria Norberta Amorim (1995, 2000, 2008); ambas nas áreas de Demografia Histórica, História das Populações e História da Família. Amorim é citada e conhecida dentre os pesquisadores em Demografia Histórica, pois foi ela que, a partir da realidade portuguesa e do método de Louis Henry, criou o método de Reconstituição de Paróquias, sendo inclusive inspirado nele que Fernanda Faria pôs em prática o software SRP – Sistema de Reconstituição de Paróquias ou formação de bancos de dados importantíssimos para a Demografia Histórica Portuguesa.

Figura 1 - Espelho do Programa SRP – Sistema de Reconstituição de paróquias



Fonte: NEPS – Manual de utilização do SRP – Sistema de Reconstituição de Paróquias.

Amorim (2008), partindo do método de Reconstituição de Paróquias, realizou várias pesquisas. Uma delas foi o estudo sobre São Mateus, freguesia criada no ano de 1588. Tal pesquisa foi importante, pois possibilitou ter informações valiosas sobre a estrutura demográfica, econômica e social. Para isso, foi necessário o diálogo das fontes paroquiais (batismo, casamento e óbitos) com outras fontes de natureza diversa. Podemos citar os registros de posses, passaporte, inventários e testamentos. O objetivo era fazer um estudo o mais completo possível sobre os povos que viveram naquela freguesia; acompanhado sua trajetória desde a informação de nascimento do registro de batismo, passando pelos rituais intermediários de passagens para a vida adulta, representados pelo ritual do matrimônio, até o registro no livro de óbitos.

Ainda na perspectiva de Reconstituição de Paróquias está o trabalho de Santos (2004), um estudo sobre a nupcialidade em Prainha do Norte no período de 1664-1764 em Portugal. Na pesquisa são mencionadas as determinações religiosas ligadas à cerimônia do casamento desenvolvido ao longo do tempo. Em seguida é feita uma análise das condições econômicas e sociais da Prainha do Norte, demostrando a situação privilegiada quando comparada ao contexto de toda a Ilha do Pico com terras propícias à plantação. E por último a pesquisadora demostra a influência da nupcialidade sobre as demais variáveis demográficas, por exemplo, a fecundidade.

No contexto brasileiro, a produção que versa sobre Demografia Histórica ainda é

relativamente modesta e concentrada em algumas regiões. Além de Marcílio, outros historiadores foram formados pela Escola Francesa de Demografia Histórica no Brasil. Podemos citar Nadalin que, em um dos seus estudos (2004) conceitua a Demografia Histórica, mencionando minuciosamente os acervos e fontes documentais que servem de suporte ao estudo do demógrafo historiador, quando envereda pelo caminho da Demografia Histórica. Além de realizar uma contextualização pontual das fontes paroquiais e dos vários estudos de caso que já foram realizados com esse tipo de fonte. Assim como também discute como foram pensadas as primeiras listas nominativas no Brasil e qual era a finalidade delas para a Coroa Portuguesa. Outra pesquisa pioneira é o estudo realizado por Burmester (1974), cujo recorte espacial foi Curitiba, realizando a mensuração da população desse espaço a partir da utilização sistemática de dados paroquias. Suas fontes foram os livros de batismo, casamento e enterros.

Numa perspectiva mais metodológica e usando as listas nominativas, em Minas Gerais, temos os estudos de Paiva (1996) que dão contribuições significativas na área com trabalhos que versam sobre a nupcialidade, os sistemas demográficos, análise e críticas às fontes. Além de Rodarte (2008) que analisa os tipos de domicílios encontrados na província de Minas Gerais na década de 1830, recorrendo ao método Grade of Membership (GoM). E contrapondo-se a clássica tipologia proposta por Laslett (1974), cria para a realidade da sociedade pré-industrial brasileira uma tipologia alternativa própria para as famílias, dividindo-as em camponesa, autônoma e assalariada, além de outras híbridas mostrando que os métodos estatísticos modernos podem ser grandes aliados das Ciências Humanas.

Além desses, podemos citar Campos (2011), que, inspirada no método de reconstituição de paróquias da portuguesa Norberta Amorim, criou uma metodologia capaz de acompanhar coortes de mulheres e quantificar quantos filhos as mães teriam ao longo do período reprodutivo (método dos filhos próprios). No cenário paulista, temos a pesquisa de Cunha (2009), cujo recorte espacial e temporal de sua pesquisa é o município de Franca- SP e o século XIX, respectivamente. A mesma não optou por estudar uma parte da população; analisa a demografia e a família na população escrava à luz do conceito de sistema ou regime demográfico. Suas fontes são diversificadas: listas nominativas, Recenseamento Geral do Império de 1872, inventários post mortem e os registros paroquiais de batismo, casamento e óbito. E, finalmente, Scott (1999), apresenta trabalhos que fazem discussões metodológicas da Demografia Histórica e de História

da Família no Brasil e em Portugal, permitindo-nos refletir que algumas variáveis demográficas guardam marcas históricas que se reproduzem tanto na metrópole quanto na colônia. Nas leituras das diversas pesquisas acima mencionada percebemos uma preocupação com o método, com as variáveis demográficas, com o apanhado histórico e demográfico, seja numa perspectiva de estudos da família a partir de dados paroquiais até textos que versam sobre os novos programas capazes de auxiliar o demógrafo no manuseio de registro do passado.

No Brasil, as fontes mais famosas são as listas nominativas que remontam ao século XIX nos Estados de Minas Gerais, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. Nelas as informações, como nome, estado, profissão, sexo, estado matrimonial e idade são encontrados assim como nos arrolamentos encontrados em países europeus. Há, porém, particularidades de informações nas listas dos países americanos. E quais são elas? A menção à cor e ao estatuto (escravo ou livre). As informações nominativas das listas possibilitam a complementação das fichas de família confeccionadas a partir da classificação de solteiro ou casado. Estabelecendo o diálogo de fontes é possível agrupar informações sobre uma mesma família, o que deixa as inferências sobre os estudos com maiores riquezas de detalhes e com mais possibilidades de se detectarem os erros. Os demais dados populacionais permitem realizar uma cartografia de sexo, idade, estado matrimonial, as profissões exercidas pelos indivíduos adultos; entre outros estudos, como a tipologia de famílias (Rodarte, 2008).

Outra fonte bastante utilizada para os estudos de Demografia Histórica são os registros eclesiásticos, cuja abrangência de detalhes e informações não pode ser comparada com as listas nominativas, mas que têm, nas suas particularidades, riquezas sobre os fregueses que eram batizados, casavam, ou morriam e eram registrados pelos párocos. Desde o Concílio de Trento (1545-1563) foram instituídas formas de controle para a população, definindo regras para padronizar os registros dos principais rituais da Igreja Católica. Dessa maneira, os párocos foram ensinados como deveriam registrar as cerimônias de batismos, de matrimônios e de sepultamentos ou enterros. Para a realidade brasileira, como menciona Nadalin (2004: 40) “as peculiaridades do povoamento e da colonização, bem como o tamanho e a rarefação do território, com seus vazios demográficos, constituíam obstáculos para que tais objetivos fossem plenamente alcançados [...]”.

Para estudar as fontes paroquiais, devemos seguir alguns procedimentos. O primeiro deles

é a verificação do registro, pois as perdas, destruições pela ação do tempo ou até mesmo de pragas que atacam o papel, armazenamento de forma inadequada, causam a deterioração, tornando impossível a utilização do registro para pesquisa. No segundo momento, podemos explorar os livros eclesiásticos através de arrolamentos anônimos, encontrando o número anual de nascimentos, casamentos e óbitos, sendo possível assim construir quadros de nascimentos, casamentos e óbitos por estado civil.

Também podemos fazer a exploração através de arrolamentos não anônimos. Nesse caso, a pesquisa é uma junção de dados paroquiais complementados com listas nominativas. Dentre os métodos da Demografia Histórica como já foi mencionado há o Método de Reconstituição de família, que consiste em fazer levantamentos nominativos em "fichas ou folhas de levantamento". Esse método tem formas específicas de organizar e analisar as informações em espécie de fichas de família. Desse modo, os registros de casamentos podem ser catalogados diretamente nas fichas de família, sendo importante fazer isso seguindo uma ordem cronológica das datas de realização das cerimônias. Quando no decorrer da coleta surgem dúvidas, por exemplo, por causas de nomes homônimos, é recomendado anotar nas margens ou em lugares específicos informações adicionais que existam no registro, tais como laços de parentesco, avós e tios.

Outro método importante da Demografia Histórica, muito utilizado para a realidade portuguesa é inspirado no método de Henry, o Método de Reconstituição Paróquias de Maria Norberta Amorim, criado em 1991. Nele é feito primeiro a reconstituição de paróquias, organizando os dados em fichas individuais de indivíduos e posteriormente formando as famílias através do cruzamento dos registros de nascimentos, casamentos e óbitos em Fichas de Famílias, assim é possível acompanhar o encadeamento genealógico, a história de vida de cada residente, caso ele tenha nascido na paróquia observada, entrado nela pelo casamento ou simplesmente ter aí falecido (Amorim, 1990: 290 apud Santos, 2004:14).

Foi sobre as Freguesias de S. Mateus/ S. Caetano e S. João que se desenvolveu em 1991, a metodologia de reconstituição de paróquias, usando a ferramenta informática então disponível, o DBase III. Essa informação encontra-se vertida para ferramentas adequadas, estando patente, na Internet, uma base de dados genealógica, a satisfazer o interessado pelo conhecimento das próprias raízes (Amorim, 2008:9).

Mais recentemente, outras técnicas da Demografia estão sendo adaptadas para estudar as populações do passado. Podemos citar como exemplo os métodos indiretos, usados para se estudar as populações de países onde os dados costumam ser problemáticos e de qualidade duvidosa, contexto que lembra, em muito os dados de períodos Pré-estatísticos pesquisados por demógrafos historiadores. Alguns avanços, podemos citar a técnica de projeção inversa de Ronald Lee (1993), que adaptada a realidade dos dados paroquiais, inspirou vários estudiosos. Um exemplo é o estudo de populações espanholas do passado do demógrafo Livi-Bacci (1991), ou de Wrigley e Schofield (1981), na realidade inglesa, que aplicaram às paróquias estudadas o método de projeção inversa para analisar a evolução da mortalidade. Ao mencionar conceitos e técnicas da Demografia e da Demografia Histórica partirmos para explorar os dados da Freguesia da Gloriosa Sant´Anna e o seu recorte no tempo e no espaço e suas características demográficas.

Recortando o Nordeste, no caso dos trabalhos de Demografia Histórica, temos alguns trabalhos na perspectiva de histórias das populações e as contribuições de estudos como esse realizado em nível de mestrado e dado continuidade no doutorado. Como já foi mencionada a Demografia Histórica tem por fontes principais; as listas nominativas e os registros paroquiais, em alguns casos sendo possível realizar o cruzamento desses dados com Censos, cartas de alforrias, rol de confessados, inventários e testamentos. No entanto, em alguns espaços, como por exemplo, a Freguesia da Gloriosa Sant´Anna; os dados paroquiais são os únicos registros deixados sobre as populações pretéritas nos quais podemos recorrer para proceder a análises em geral, pois mesmo existindo documentos, como os testamentos e inventários, estes não dão conta do geral, mas sim de casos particulares.

O Rio Grande recortado: A Freguesia da Gloriosa Sant´Anna

A freguesia da Gloriosa Sant´Anna começou a ser colonizada após várias tentativas frustradas da Coroa Portuguesa, e posteriormente um conflito que dizimou um número considerável de índios, denominado de “Guerra dos Bárbaros”. A finalidade de desbravar os sertões era principalmente transformar o espaço em solo para a criação de gado, sendo essa a atividade sob a qual se desenvolveu a Freguesia. “O gado foi, desse modo, ao começar o povoamento da terra seridoense, o elemento econômico fundamental, a fonte de riqueza natural,

asseguradora das condições de vida, a oferecer perspectivas de exploração comercial, o princípio de toda história do Seridó" (Medeiros, 1980: 25).

No passado, quando da povoação, a Freguesia da Gloriosa Sant' Anna era denominada como sinônimo de Seridó, herança do pretérito que se manifesta na contemporaneidade. Segundo Medeiros (1983), as primeiras datações sobre as terras concedidas na região do Seridó nos livros da Capitania do Rio Grande datam do ano de 1676 e referem-se ao espaço do Acauã, sendo beneficiados nessa concessão Teodósio Leite de Oliveira, Teodósia dos Prazeres e Manuel Gonçalves Diniz. E de 1679 mencionando ainda o Acauã, mas acrescentando as partes de terra na Serra do Trapuá, dadas a Luís de Sousa Furna, Antônio de Albuquerque da Câmara, Lopo de Albuquerque da Câmara e Pedro Albuquerque da Câmara. A Freguesia da Gloriosa Senhora Sant´Anna do Seridó, criada no ano de 1748, segundo Medeiros Filho (1983:9):

> Compreendiam na sua extensão, áreas pertencentes às capitanias da Paraíba e Rio Grande do Norte [...] os limites naturais daquela freguesia eram: ao norte, as serras que separavam o Seridó da Freguesia do Açu de Santana, ao Sul, destacando-se a serra de Santana, ao Sul, os contrafortes da Borborema, de cujas fraldas desciam todos os tributários que compunham as ribeiras das Espinharas, Sabugi, Quipauá, e do próprio Seridó; ao leste, as serras, também integrantes do Sistema da Borborema, de onde provinham os afluentes do Seridó; ao oeste, o rio Piranhas, desde a altura de Jucurutu até a barra do Espinharas; e daí, seguindo-se, as serras que servem de divisores das águas que correm para o Espinharas.

"A emancipação administrativa do Seridó foi feita em 31 de julho de 1788, por alvará que criou o munícipio dando a ele a denominação de Vila Nova do Príncipe (Medeiros, 1983: 16)". Hoje, com a criação de novas paróquias, a Freguesia corresponderia a atual cidade de Caicó. Segundo Pinto (1977), nesse mesmo ano a Freguesia da Gloriosa Sant´Anna do Seridó se desmembrou da Freguesia de Nossa Senhora do Bom sucesso [4].

Como podemos notar, da criação da freguesia aos registros eclesiásticos há uma lacuna documental de cerca de quarenta anos. Como não temos a população no instante do tempo dos

[4] Segundo Macedo (2013) no período a freguesia corresponderia as atuais cidades de Caicó, Acari, Jardim de Piranhas, São João do Sabugi, Ouro Branco, Cruzeta, Carnaúba dos Dantas, Cerró Corá, São Vicente, São Fernando, Equador, Santana do Seridó, São José do Seridó, Timbaúba dos Batistas, Lagoa Nova, Ipueira e Tenente Laurentino Cruz. Dessas no período em estudos que nos propomos estudar, ou seja, 1788 a 1838, somente Acari se desmembrou, sendo criada a Freguesia de Nossa Senhora da Guia, no ano de 1835.

quais dispomos dados sobre óbitos, foi necessário recorrer aos dados de população dessa freguesia em outro marcos temporais; foram encontrados mapas populacionais dos anos de 1777[5], 1811[6], 1824[7] 1844[8], 1853,[9] 1872[10], 1890[11]. Como as faixas etárias de idades desses levantamentos populacionais não estão organizadas de modo que possamos fazer comparações, serão utilizadas algumas técnicas de suavização, padronização e redistribuição dos dados por idade decenal.

Primeiramente foi feito uma tabela com os dados de população da freguesia da Gloriosa Sant´Anna, em números totais, sem estrutura etária, nem idade por sexo. Originado de várias fontes de dados, dentre eles, relatórios de presidentes de província e mapas feitos pelos párocos da Freguesia que já foram mencionados anteriormente. Em posse desses dados foi feito estimativas de população, no primeiro momento com os dados do contagem populacional de 1777 (hipótese 2) e depois com os dados de 1824 (hipótese 1) inferindo sobre a população total nos demais anos e sua respectiva taxa de crescimento [12] (usado para inferir os dados de população de 1777, 1824 e 1872).

---

[5] Discurso com que o illustrissimo e excellentissimo senhor dr. Casimiro José de Moraes Sarmento, presidente desta provincia do Rio Grande do Norte, abriu a 1.a sessão da 6.a legislatura da Assembléa Legislativa Provincial, anno de 1846. Pernambuco, Typ. de M.F. de Faria, 1846. Center for Research Libraries. Disponível em: Center for Research Libraries <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/834/000037.html> Acesso em 27 de outubro de 2012.

[6] Registros sobre a população por faixa etária e sexo, feitos pelo vigário da Freguesia da Gloriosa Sant ´Anna; o padre Francisco de Brito Guerra, e reproduzida pelo historiador Olavo de Medeiros Filho na sua obra **Cronologias seridoenses**.

[7] Registros sobre a população por faixa etária e sexo, feitos pelo vigário da Freguesia da Gloriosa Sant ´Anna; o padre Francisco de Brito Guerra, e reproduzida pelo historiador Olavo de Medeiros Filho na sua obra **Cronologias seridoenses**

[8] Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa da provincia do Rio Grande do Norte na abertura da ultima sessão ordinaria da 2. legislatura provincial, no dia 7 de setembro de 1839: pelo ex.mo presidente da provincia d. Manoel de Assis Mascarenhas. Pernambuco, Typ. de Santos & Companhia, 1840. Center for Research Libraries. Disponível em: <http://www.crl.edu/brazil/provincial/rio_grande_do_norte>. Acesso em 17 de novembro de 2012.

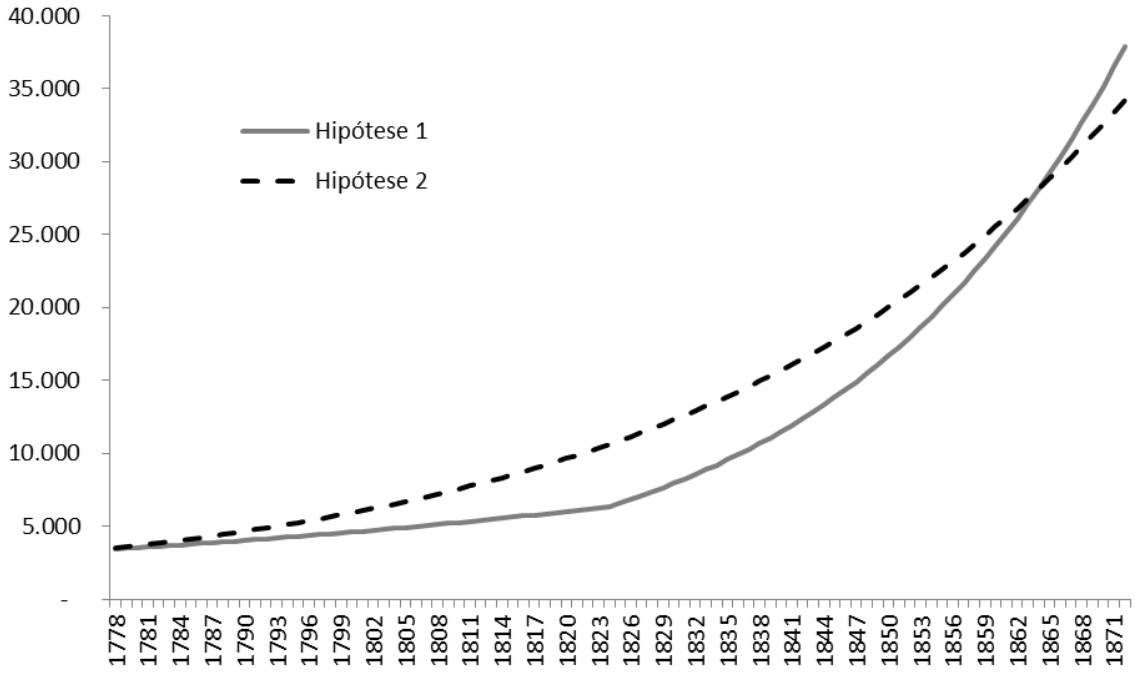
[9] Discurso com que o illustrissimo e excellentissimo senhor dr. Casimiro José de Moraes Sarmento, presidente desta provincia do Rio Grande do Norte, abriu a 1.a sessão da 6.a legislatura da Assembléa Legislativa Provincial, anno de 1846. Pernambuco, Typ. de M.F. de Faria, 1846. Center for Research Libraries. Disponível em: Center for Research Libraries <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/834/000037.html> Acesso em 27 de outubro de 2012.

[10] DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA – DGE. Recenseamento geral do império de 1872. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger; Tip. Commercial, 1872.12v.

[11] DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA – DGE. Sexo, raça e estado civil, nacionalidade, filiafabetismo da população recenseada em 31 de dezembro de 1890. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger; Tip. Commercial, 1872.12v..

[12] Os valores foram calculados a partir de Pt = Po , onde Pt = população do fim do período, Po = população no início do período, t = intervalo de tempo entre Pt e Po (em anos) e r = taxa de crescimento médio anual

Gráfico 1 - Estimativas de população, Freguesia da Gloriosa Sant' Anna.



Outra informação imprescindível para o cálculo da projeção são os dados sobre batismo, que nesse período, seriam iguais ao total de nascimentos. No que diz respeito a essa variável, os dados são mais escassos e temos dos seguintes anos 1805[13], 1845[14] e 1852[15].

Sendo feito o mesmo procedimento de estimação dos dados, agora, para batismos. As estimativas de nascimentos foram feitas, seguindo a mesma lógica com óbitos: avaliação a partir dos dados disponíveis, inferência dos demais se levando em consideração o crescimento

---

[13] No caso desse ano se se utilizou o modelo estatístico de resumo, denominado de média a partir das informações do livro de batismo da Freguesia da Gloriosa Sant´Anna, correspondente aos anos de 1803 e a 1806.

[14] Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa da provincia do Rio Grande do Norte na abertura da ultima sessão ordinaria da 2. legislatura provincial, no dia 7 de setembro de 1839: pelo ex.mo presidente da provincia d. Manoel de Assis Mascarenhas. Pernambuco, Typ. de Santos & Companhia, 1840. Center for Research Libraries. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/834/000037.html>. Acesso em 26 de Outubro de 2012.

[15] BRASIL. Ministerio do Imperio. Ministro Luiz Pedreira do Coutto Ferraz) Relatorio do Anno de 1853 apresentado a Assemblea Geral Legislativa na 2 ª Sessão da 9ª Legislatura. (Publicado em 1854). Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1725/000001.html>, acesso em 10 de novembro de 2012.

daquela população em condições normais, ou seja, sem a ocorrência de epidemias, guerras e migrações que costumam interferir de forma marcante na dinâmica demográfica.

Após termos os totais de batizados e suas respectivas taxas de crescimento, somaram-se os batizados no intervalo de 1790 a 1799; 1800 a 1809; 1810 a 1819; 1820 a 1829 e por último de 1830 a 1839 e calculou-se a população por sexo nesses intervalos e, a partir daí, a razão de sexo. Sendo que, na maioria dos casos, a razão de sexo calculada baseada nos dados estimados girou em torno de 104 homens para cada 100 mulheres. As informações de batismo foram inseridas na etapa de projeção da população para ambos os sexos, juntamente com os óbitos, que foram organizados por período decenal. Com a população projetada para os decênios, é possível fazer os ajustes e calcular as tábuas de mortalidade modelo (Ortega, 1987).

A tábua modelo utilizada foi a Oeste, essas foram pensadas para ajudar os pesquisadores de população com dados precários e de má qualidade, sendo também, esse modelo, usado pelos demógrafos historiadores para analisar os dados do passado (IBGE, 1978). Bacci e Reher (1991) conduziram um estudo para paróquias de Castilha La Nueva na Espanha com séries de batismos, casamentos e enterros, mencionando que quanto maior a intervalo temporal melhor as possibilidades dos dados projetados não apresentarem disfunção da realidade. O mesmo aplicou o modelo oeste para a população total espanhola, para 26 paróquias tendo como recorte temporal de 1521 a 1900. Nesse estudo, eles encontraram um E0 (esperança de vida ao nascer) para 1787 de 28,7 anos, correspondente a sociedade Pré-transicional, caracterizada por ser uma sociedade nas quais os indivíduos não tem uma taxa alta de longevidade.

E na freguesia da Gloriosa Sant´Anna, o que encontramos? Quando realizamos todos os procedimentos, desde interpolação, até estimação da população nos pontos no tempo nos quais temos os óbitos, a esperança de vida dessa população fica muito alta. Quando usamos os valores da tabela Oeste (IBGE, 1978; ONU, 1986) o E0 masculino e feminino para o ano de 1799 fica em torno dos 67 anos, um número que poderia indicar um alto índice de longevidade, no entanto temos um retrato explícito de subregistro, pois, como sabemos, trata-se de uma sociedade Pré-industrial e com o elevado número de óbitos infantis. A nossa hipótese é que, não havendo sub-registros, teríamos uma esperança de vida abaixo ou parecida com a européia. Foi a partir dessa descoberta, durante o processo, que não pudemos prosseguir com a ideia de aplicação da

Projeção Inversa. E seguimos uma perspectiva mais descritiva dos dados de mortalidade, enveredando pelos caminhos que descrevemos a seguir.

Indícios da "mortalidade" na Freguesia da Gloriosa Sant´Anna

Os registros de óbitos dependendo de quem foi o morto vão ter várias ou escassas informações. A data do sepultamento aparece em 93% dos registros contra, 7% sem a datação. Foi a partir dessa organização que pudemos fazer várias análises que são importantes no estudo de mortalidade. Como, por exemplo, em quais meses e anos a mortalidade era mais frequente na freguesia. O quadro de meses está assim distribuído.

No estudo foi observado que, os óbitos da população total estão concentrados nos primeiros meses do ano, ou seja, de janeiro a maio, havendo um pico nesse último mês, seguindo com uma queda até haver um novo pico no mês de agosto, permanecendo uma estabilidade nos demais meses do ano. No que diz respeito aos primeiros meses, eles também coincidem com a incidência das primeiras chuvas em anos de inverno e, na seca são também os períodos críticos de estiagem. É comum, nesse período, os óbitos estarem relacionados ou com a falta de alimento, que ocasionam a morte por fome, ou como são mais frequentes, as doenças infectocontagiosas e respiratórias. Em Curitiba, cujo aspecto climático é antagônico ao sertão do Rio Grande, no estudo feito por Burmester (1974), para os meses de ocorrência de óbito a tendência se inverte, ou seja, os óbitos concentram-se na segunda metade do ano. "Os óbitos ocorrem em maior número no inverno, mais precisamente no mês de julho, quando são registradas as temperaturas mais baixas. Em abril e setembro também são notadas maiores incidências de óbitos, sendo meses de mudanças sazonais" (Burmester, 1974: 60).

Quando analisamos a mortalidade por sexo, quando se trata da variável *sexo* temos um número maior de indivíduos do sexo masculino que vão a óbito. Isso pode ser explicado desde fenômenos biológicos, dos homens por apresentarem cromossomos iguais serem mais frágeis biologicamente nas primeiras idades, e comportamentais nas idades adultas, como morte por acidentes e homicídios (Véron, 1997; Laurenti et al, 2005). O cenário de mortalidade alta dos homens do passado ainda é visto hoje em outros países, como o Canadá, por exemplo. E pontualmente no Brasil, esse quadro de uma mortalidade maior do sexo masculino ainda persiste. A maior parte dos indicadores tradicionais de saúde mostra, com clareza, a existência desse

diferencial, sendo maior a mortalidade masculina em praticamente todas as idades e para quase a totalidade das causas. Também a esperança de vida ao nascer, e em outras idades são menores entre os homens (Laurenti *et al.*, 2005).

Durante a pesquisa também constatamos a preferência por dígitos, a maior porcentagem de óbitos estão nas idades que contém o dígito 0, afirmando, assim, que, nesse período a ideia de exatidão na declaração de idade deve ser relativizada. Quando dividimos os óbitos por períodos decenais, verificamos que, na faixa etária de 0 a 9 anos de idade, é onde estão concentrados os maiores números de falecimentos. Sendo também, nessa faixa etária, que, nos quinquênios, sofreu maiores alterações, mostrando a situação mais crítica no período de 1800 a 1804. E a partir do quinquênio de 1805 a 1809 vai diminuindo drasticamente a mortalidade nessa faixa etária. Entre as nossas hipóteses, pode ser um caso de subregistro[16].

Para analisar a morbidade dentro da Freguesia foi feito uma categorização, sendo criados oito grupos, conforme a incidência dos casos de óbitos. Na primeira categoria temos os casos sem informação, um total de 44, 1%. Na segunda, temos os casos das doenças infectocontagiosas e parasitárias que corresponde a 26, 4% dos casos, sendo elas as maiores responsáveis pela mortandade dessa população, segundo Ortiz (2002), na sociedade atual, quando temos a incidências de mortalidade por causas dessa natureza, percebemos o grau de desenvolvimento da sociedade. Sabemos que se trata, nesta pesquisa, de uma sociedade pré-transicional, que aspectos climáticos e de resistência ao elemento colonizador impediam a ocupação e na mesma proporção o desenvolvimento. As causas infectocontagiosas estão relacionadas com doenças causadas pelos aspectos climáticos ou de cuidados higiênicos e tratamento das águas. Temos 40% dos casos de mortes por diarréia, sarampo, bexigas, inflamações na garganta e febres.

Na terceira categoria temos as doenças degenerativas, ou melhor, o que classificamos como tal, sendo a segunda em incidência nos registros com 5,4%. Nessa categoria, verificamos que os párocos já tinham a preocupação de registrar as doenças como o cancro, inclusive nomeando em qual parte do corpo ela se dava, como no nariz, no fígado e na pele. Inclusive, já mencionavam a incidência da diabetes como provável causa da morte. Mesmo acreditando ser

[16] Subregistro é caracterizado como ausência de precisão dos dados.

uma sociedade na qual a esperança de vida era pequena, encontramos alguns casos, cuja causa da morte era associada à condição biológica do indivíduo, a sua idade cronológica e a ação do tempo sobre o corpo. Nesse caso, morria-se de velho e de velhice, mas a causa da morte em si não era posta pelo pároco, sendo difícil saber, afinal qual era o significado dessa denominação para esse contexto especifico. O que sabemos, através da experiência de pesquisa de outras realidades, das quais podemos citar a Europa estudada por Livi- Bacci (1999), não é diferente. Inclusive é unânime entre os pesquisadores (Véron, 1997; Ortiz, 2002) a assertiva sobre os vários estágios da mortalidade, dando pesos maiores à probabilidade de morrer tanto nas primeiras idades quanto nas faixas etárias mais avançadas.

Na quarta categoria temos 4% de casos de mortalidade materna. Dentro dessa categoria estão os casos mencionados de aborto, que causavam a morte da mãe, parto e problemas no útero. Percebemos que dentro desse universo, morriam mais mulheres de parto ou por consequências dele do que por causas externas. E isso é ainda mais grave, pois, nas causas externas, temos indivíduos tanto do sexo masculino como do feminino enquanto que, no primeiro caso, apenas as mulheres. Quando realizamos a reconstituição de paróquias poderemos ver a questão do segundo casamento dentro dessa sociedade e a idade das mães, assim também teremos hipóteses sobre a fecundidade. Na quinta variável temos as causas externas. Nelas incluímos os afogamentos, os homicídios, mortes por incidência de raios, quedas de cavalo, mordidas de cão, quedas e queimaduras, causas que refletem a sociedade na qual esses indivíduos estavam inseridos, ou seja, o meio rural. A sexta variável reflete ainda mais esse espaço do campo, pois devido à incidência pontual de picadas de cobras[17], separamos os casos, e percebemos que esses répteis causavam a morte de muitas crianças, homens e mulheres adultos. A última variável é de causas mal definidas cujas denominações não davam para enquadrar em nenhumas das classificações mencionadas acima, indo desde causas como repentinamente e de um mal que Jesus cristo lhe enviou, por exemplo.

Quando recortamos dentro da “mortalidade”, a “mortalidade infantil”, encontramos

[17] Foi criado um categoria somente para dar conta dessa causa que no período analisado aparece com muita frequência nos registros. O pároco citava em alguns casos a espécie da cobra cujo veneno tinha levado a óbito o freguês. Outras formas que se referia a essa causa era: de cobra, de picada de cobra entre outras. Vale destacar que segundo os estudiosos das secas no sertão do Seridó; Teophilo Guerra e Feliphe Guerra um dos problemas que a

indícios interessantes sobre o assunto.

O que seria mortalidade e morbidade infantil? Primeiramente, é interessante ressaltar que não podemos chamar a análise que faremos a seguir de mortalidade infantil, como esse termo é entendido para a Demografia contemporânea, pois não podemos, com os dados paroquiais, ter as informações necessárias e obter as taxas específicas, nem brutas para assim fazer cálculos de mortalidade. O que podemos fazer é um estudo sobre os óbitos infantis (crianças de 0 a 1 ano de idade) e a morbidade, no período pré-estatístico (1788-1838), na Freguesia da Gloriosa Sant´Anna numa perspectiva mais descritiva.

No Dicionário Multilíngue de Demografia (1986), a questão da mortalidade infantil é caracterizada, como o óbito que atinge as crianças menores de um ano de idade, tendo dentro dessa classificação mais geral, outras mais específicas, como é o caso da mortalidade neonatal, que atinge crianças menores de um mês ou, em alguns casos, de quatro semanas (28 dias). As mortes de crianças que ocorrem depois desse período até um ano são chamadas de post-neonatal. Ainda existem outras designações recomendadas pela Organização Mundial de Saúde para denominar os óbitos ocorridos antes da expulsão da criança, sendo um exemplo, mortalidade fetal, uma das mais difíceis de identificar nos registros do passado. Outra causa de difícil identificação e análise é a morbidade, cuja definição é posta a seguir.

> No que tange ao conceito de morbidade, o mesmo dicionário conceitua que é o estudo sobre as doenças, enfermidades e moléstias que atingem uma população. Sendo assim estatísticas de morbidade se referem às estatísticas de doenças. Sendo frequentes os estudos de mortalidade segundo as causas de mortes (IBGE, 1969: 41).

As causas de mortes podem ser consideradas como o espelho da sociedade e de suas características, os casos das doenças infecciosas e parasitárias, assim como as causadas por problemas sanitários e do meio podem mostrar o grau de desenvolvimento e subdesenvolvimento do espaço estudado.

Essas temáticas, hoje, quando temos dados mais confiáveis e com critérios de seleção e elaboração bem definidos e conhecidos dos pesquisadores, mesmo assim, nos deparamos como problemas; imagine quando se volta no tempo, às lacunas se multiplicam. Por um lado temos

---

região do Seridó enfrentava além das pragas de gafanhoto e rato, era a peste de cobras.

altos índices de sub-registros sobre a quantidade dos óbitos infantis. Por outro, também temos os problemas na definição das causas, considerando que, segundo Nadalin (2004) e Marcílio (1977), os registros de óbitos no Brasil, principalmente no que se refere aos óbitos tem muitas indefinições e as informações melhoraram a partir do final do século XVIII e XIX. Mesmo com os problemas, as informações pretéritas nos ajudam a traçar algumas hipóteses, sendo sobre elas que discutiremos agora.

Seja na Europa, com historiadores do porte de Louis Henry (1988), Livi- Bacci (2003) e Norberta Amorim (2008), seja, no Brasil, nos trabalhos desenvolvidos pela Burmester (1972), Marcílio (1977), Nadalin (2004), Scott (1998; 2010), Campos (2011) e Cunha (2009), eles têm algo em comum: nos seus exercícios de pesquisa, na realidade espacial e temporal de cada um encontraram problemas quando enveredam na temática da mortalidade no passado.

É mesmo um terreno arenoso, no qual, para avançar, é necessário tempo e o cruzamento de outros dados. E, mesmo assim, ainda terá problemas, como demostra em seus trabalhos Amorim (2000, 2008), para a qual mesmo, estando alicerçados numa série de fontes documentais como inventários e róis de confessados que se cruzam em alguns momentos os avanços são poucos, quando não ocorrem retrocessos.

No caso da Freguesia da Gloriosa Sant´Anna temos uma realidade parecida. Sabemos que, diferente dos fenômenos demográficos; fecundidade e migração, por exemplo, a mortalidade é mais complexa, pois ela só ocorre com o individuo uma única vez. Além do mais, a probabilidade de morte é maior e menor em determinadas faixas etárias ou dependendo do sexo (Carvalho et al, 1993; Véron, 1997). No exercício de aplicação do método da Projeção Inversa de Lee, percebemos o quão difícil é trabalhar a mortalidade do passado, mais ainda de uma faixa etária que, até hoje, tem problemas de registro e onde ainda temos casos de sub-registros. Sendo, também, esse, o grupo, cuja probabilidade de morte é mais alta, por uma série de questões tanto no processo de gestação e biológicas, quando ainda a criança se encontra no processo de gestação e depois de nascidos por questões do meio ambiente e social no qual vivm.

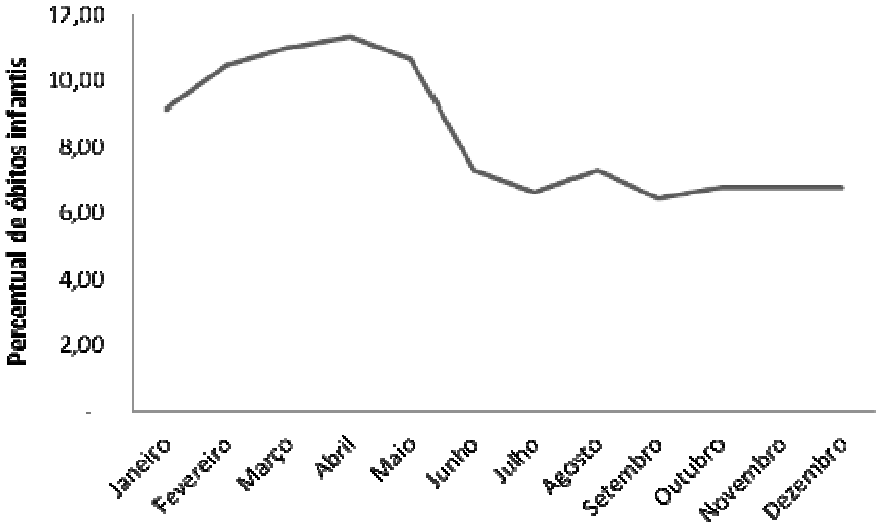
Num total de 2.252 óbitos distribuídos no período de 1788 a 1838, temos 595 óbitos infantis de crianças na faixa etária de 0 a 1 ano. Como os párocos, algumas vezes, colocavam as informações da morte de crianças em anos, mas também em dias, semanas e meses, achamos

interessante, colocarmos as informações de forma separada. A organização das primeiras idades foi de suma importância para inferirmos algumas hipóteses sobre o óbito infantil na freguesia.

Segundo Ortiz (2002; 2006), estudando a mortalidade infantil em São Paulo, verificou-se que a morte de crianças nos primeiros dias e semanas de vida, geralmente, tem como cenário implícito o de problemas durante a gestação. Embasados nos dados da freguesia em estudo, pensado com base nos conceitos da Organização Mundial de Saúde temos o seguinte quadro:

Quando separamos a informação em dias, semanas, meses e anos, percebemos que temos um número maior de casos de falecimento no intervalo entre o primeiro mês e o sexto, ou perto de fazer um ano de idade. Dessa forma, podemos supor embasados na ideia de Ortiz de que numa freguesia haveria um número menor de mortes por causas da má gestação ou um menor registro dos casos; em contrapartida, temos casos de doenças que dependem do meio e estão relacionadas à falta de "tecnologia": vacinas, por exemplo, ou as precárias condições da sociedade. E explicaria as mortes estarem concentradas nos primeiros meses do ano, pois são os períodos nos quais começam as chuvas e as doenças passam a se propagar por causa das águas poluídas e das falta de higiene com os alimentos, ocasionando mortes de crianças por diarréia, febres e vômitos.

Gráfico 2 - Óbitos Infantis por mês, Freguesia da Gloriosa Sant´Anna.



Fonte: Registros de óbitos do APS/Caicó-RN.

Dentre o período em estudos, dividimos a ocorrência de óbitos por períodos quinquenais. E encontramos a maior percentagem de mortes nos quinquênios de 1800 a 1804 e 1820 e 1824, além de outras hipóteses, as informações levam a crer numa melhor preocupação na realização do registro dos óbitos. Por outro lado, temos, segundo Guerra (1904) questões climáticas, pelo menos ao que tudo indica, nos quinquênios de 1820 a 1824, de escassez de chuvas na região, causando, ora migração, ora maior mortalidade.

Quando nos referimos à morbidade, hoje temos os médicos para atestar o óbito dos indivíduos, colocando em uma Classificação Internacional de Doenças (CID) do que as pessoas morreram. No passado, na Freguesia da Gloriosa Sant´Anna e demais regiões do Brasil, eram os padres que faziam esse trabalho e é a partir do que eles registraram que faremos uma análise sobre a causa de óbitos infantis.

Na verdade das causas que nomeadas pelos párocos ora em dicionários atuais (Botelho, 2008), ora em dicionários antigos (Bluteau, 1728) encontramos as doenças, pois em alguns casos, as causas não podem ser categorizadas, haja vista serem ambíguas, como exemplos; “morreu de vida presente” ou, a denominação dada não nos permite avançar no motivo que levou à morte da criança. Se todos dos dias os demógrafos se deparam com problemas na informação sobre mortalidade ainda hoje na atualidade com dados considerados de boa qualidade, imaginemos quando voltamos alguns séculos atrás. O problema é ainda maior quando estudamos as populações do século XVIII e XIX. E os registros se tornam mais precários quando tentamos estudar os óbitos infantis. Mas, com os resquícios que herdamos do passado registrados nos livros da paróquia, podemos inferir alguns hipóteses.

As crianças da freguesia morriam, principalmente, vítimas de doenças infecciosas e parasitárias 32% dos casos nos quais constava a causa da morte estavam dentro dessa grande categoria. Dentro das doenças infecciosas temos as bexigas, catarro, sarnas, defluxo, diarreias, erisipela e espasmo. No cenário do passado, as febres eram as principais causadoras de óbitos apontadas pelos párocos, principalmente na faixa etária infantil. Nadalin (2004) também cita as febres quando menciona os casos onde era citada a causa da morte, mencionando que estas sob as várias classificações, também matavam muitos na realidade paranaense. Outras causas que aparecem frequentemente nos óbitos da Freguesia da Gloriosa Sant´Anna são as tosses, sarampo,

tubérculo e vômitos. No que diz respeito ao que classificamos como causas externas, as mortes que estão relacionadas a acidentes (afogamentos) e picadas de cobras, cerca 3,7%.

A partir do que foi mencionado, pensamos em algumas hipóteses como as causas estarem relacionadas às doenças do meio por causa das estações climáticas, pois não tivemos informações de epidemias, e se houver, poderemos conseguir identificar com a reconstituição, com as informações desagregadas não é possível. Assim, como não encontramos outros fenômenos que pudessem justificar.

Considerações finais

No presente artigo realizamos um estudo parecido com o que foi feito por demógrafos em outros países, a exemplo da Inglaterra com os estudos de Wrigley e Schofield (1981), Espanha com Bacci e Reher (1991), mas na realidade da Freguesia do Seridó, os dados apresentaram um quadro diferente. E podemos destacar como um dos motivos, não termos séries temporais longas de registros de batismo e óbitos, que permitiria, por exemplo, uma análise mais substancial da mortalidade infantil.

Outro problema foi os dados sobre a população. Temos estimativas em pontos distantes no tempo, e, mesmo partindo do pressuposto de não ter mudanças significativas, não podemos afirmar que, de fato, elas não aconteceram e mudaram a estrutura da população. Diferente de outras regiões, como no caso de Minas Gerais e São Paulo, em que registrar a população era importante, parece que, para os espaços onde a atividade econômica, no caso a pecuária, era mais importante do que as pessoas, talvez fossem mais vantajoso mandar para a Coroa ou órgãos do Governo alguma informação da morte do gado do que das pessoas que morriam numa época de seca na região. Percebemos, de posse dos óbitos por ano e da literatura sobre as secas ocorridas no local que a “sombra da morte” estava presente ou nos anos das secas ou depois que elas ocorriam (Guerra, 1904). A partir das datações mostramos graficamente os meses em que elas ocorriam para todos os fregueses e recortamos as crianças de 0 a 1 ano.

O processo mostrou que a estimação por si só não resolve e que é necessário ter informações sobre a população total e de batismo de outros anos e não somente o que utilizamos. O que estamos fazendo agora dando continuidade aos estudos e testar o método de reconstituição

de paróquias da portuguesa Norberta Amorim para a Paróquia e realizando um estudo geral, seja possível tentar de novo realizar além de análise sobre a mortalidade conhecer a dinâmica demográfica.

A partir de tudo que foi mencionado acima, podemos perceber que os registros paroquiais da Freguesia da Gloriosa Sant´Anna sobre morte (e nascimentos) nos emitem sinais ambíguos sobre a dinâmica demográfica daquela população. Por um lado, a grande proporção de óbitos infantis (60% do total, nos anos com menos sub-registros) nos indica um nível de mortalidade muito alto (com baixa expectativa de vida ao nascer). Por outro lado, ao ensaiarmos fazer a Projeção Inversa, deparamo-nos aparentemente, com uma população de elevada expectativa de vida, que é incompatível com o que se espera de uma população Pré-transicional. Tal constatação pode subsidiar estudos futuros que aprofundem o conhecimento sobre o tamanho da população dessa freguesia e sua dinâmica de crescimento através da aplicação do método de reconstituição de paróquias, que com dados agregados e pontos mais longínquos no tempo é possível juntarem as peças e refletir sobre essa concha de retalhos.

Referências

Amorim, M. N. (1995), Informatização normalizada de arquivos: reconstituição de paróquias e história das populações. *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*, v. XIII, 2, p. 141-150.

Amorim, M. N. (2008), O Pico: Tomo VII, As famílias de S. Mateus nos finais do Século XIX. Câmara Municipal da Madalena, Açores, Portugal. Nova Gráfica,.

Bacellar, C. A. P; Scott, A.S. V. et al. (2005), Quarenta anos de Demografia Histórica. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 22, n. 2, p. 339-350.

Bandeira, M. L. (1996), Demografia e Modernidade: Família e Transição Demográfica em Portugal. Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Bandeira, M.L. (2004), Demografia – Objecto, teorias e métodos. Lisboa: Escolar Editora. 340p.

Botelho, (2008), Â. V, Dicionário histórico Brasil: Colônia e Império. Belo Horizonte: Autêntica.

Burmester, A. M. de O.. (1974), A População de Curitiba no século XVIII_1751-1800, segundo os registros paroquiais. Curitiba. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, 1974. 107p.

Carvalho, J. A. M; Sawyer, D. O.; Rodrigues, R. do N. (1994), Introdução a alguns conceitos básicos e medidas em demografia. 2ª edição. ABEP,

Campos, K. M. N. (2011), _____. "SEM DADOS NÃO HÁ DEMOGRAFIA": uma proposta para a criação de um banco de dados demográficos e sua aplicação em uma paróquia mineira: 1760 – 1804. Belo Horizonte. Tese (Doutorado em Demografia). CEDEPLAR, Universidade Federal de Minas Gerais. 121p

Cunha, M. F. da. (2009), Demografia e família escrava. Franca-SP, Século XIX. Campinas, SP : [s. n.].

Henry, L. (1988), Técnicas de Análise em Demografia Histórica. Lisboa: *Gradativa*.

IBGE. Dicionário Demográfico Multilíngue.(1969), Rio de Janeiro.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1278&%20id_pagina=1> acesso em 3 de julho de 2011.

Gerra, P.; Guerra, T. Seccas Contra a Secca – Rio Grande do Norte. Seccas e invernos, açudagem, irrigação, vida, costumes sertanejos, 1904. Disponível em: <www.colecaomossoroense.org.br>. Acesso em 19 de fevereiro de 2012.

Laurenti, R; Jorge, Maria Helena Prado de Melo; Gotlieb, Sabina Léa Davidson. (2005), Perfil epidemiológico da morbi-mortalidade masculina. Ciência & Saúde Coletiva, 10(1):35-46. Disponível em http://www.scielosp.org/pdf/csc/v10n1/a04v10n1.pdf.

Lee, R. , (l993), Inverse Projection and demographic fluctuations: A critical assessment of News of new methods. P. 7-28 in: D. Reher and Schofield editors, Old and New Methods in Historical

Demography. Oxford University Press, Oxford, United Kingdom.

Livi-Bacci, M. (1999), Historia de la Poblacion Europea. Barcelona: Editora Crítica.

Livi-Bacci, M. (2003), Introduccíon a la demografia. Barcelona: Ariel Historia.

Medeiros Filho, O. (1983), Velhos inventários do Seridó. Brasília: *Centro Gráfico do Senado Federal*.

Macedo, H. A. M. de. (2013). Outras famílias do Seridó: Genealogias mestiças no sertão do Rio Grande do Norte (Século XVIII-XIX). Recife, PE. Tese (Doutorado em História).

Marcílio, M.L. (org). (1977), Demografia histórica. São Paulo: Livraria Pioneira.

Marcílio, M. L. (1997), A demografia histórica nesse final de milênio. Revista Brasileira de Estudos de População, v. 14, n° 1/2, jan./dez., p.125-143.

Nadalin, S. O. (1994), A demografia numa perspectiva Histórica. Belo Horizonte: ABEP.

Nazareth, J. M. (1998), Princípios e Métodos de Análise da Demografia Portuguesa. Lisboa: Editorial Presença, 323p.

ONU. (1986), Manual X: Técnicas Indirectas de Estimacion Demográfica,.

Ortiz, L.P.. A evolução da Mortalidade Infantil no Estado de São Paulo 1980-2000. In: _____XVIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP, Ouro Preto/ MG, de 4 a 8 de novembro de 2002.

Ortiz, L. P.. A Mortalidade Neonatal no Estado de São Paulo: Níveis e Tendências segundo a duração da gestação. In: _____ABEP, Caxambu/ MG, 2006.

Ortega, A. (1987), Tablas de Mortalidade. Centro Latino Americano de Demografia - CELADE, San José/ Costa Rica.

Paiva, C. A (1996), População e economia nas Minas Gerais do Século XIX. São Paulo/USP,Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo.

Preston, S. H. The Contours of Demography: Estimates and Projections. Demography, Vol. 30, No. 4 (Nov., 1993), pp. 593-606.

Pinto, A.V. (1973), El pensamento critico en demografia. Santiago de Chile: *CELADE*.

Pinto, I. F. (1977). Datas e notas para a história da Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, V. 1, (Documentos Paraibanos, 3).

Reher, D. S. (1997), Desafios e conquistas da demografia histórica no final do século. In: Revista de Estudos Populacionais, Brasília, v.14, n.1/2.

Rodarte, M. M. S.. (2008), O trabalho do Fogo: Perfis de domicílios enquanto unidades de produção e reprodução na Minas Gerais Oitocentista. Belo Horizonte/MG. Tese (Doutorado em Demografia), 365p.

Santos, C. M. F. dos. (2000), Santiago de Romarigães, Comunidade rural do Alto Minho: Sociedade e demografia (1640-1872). Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Guimarães. Dissertação (Mestrado em História), 2000. 158p.

Santos, C. F. dos. (2008), Biodemografia do concelho da Madalena – Estrutura demográfica e genética de uma população açoriana da Ilha do Pico. Braga, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Tese (Doutorado em História), 256p.

Santos. I. M.R. (2004), Um Estudo da Nupcialidade (1664-1764). Universidade do Minho. Braga/Portugal. Dissertação (Mestrado em História das populações), 108p.

Scott, A. S. Volpi. (1999), Famílias, Formas de União e Reprodução Social no Noroeste Português (séculos XVIII e XIX). Universidade do Minho. Braga/Vol. 6, Coleção Monografias.

Véron, J. (1997). Aritmética do Homem: a Demografia entre Ciência e Política. Lisboa: Instituto Piaget.

Wrigley, E. A. (1968), Mortality in pre-industrial England: the example of Colyton, Devon, over three centuries. In:_____. Daedalus, vol. 97. p. 546-580,.